

FMI e investidores externos aprovam liberação

Na avaliação do Fundo, governo brasileiro tomou uma decisão sábia para estancar perda de reservas

PAULO SOTERO

Correspondente

WASHINGTON – Os investidores aprovaram com um suspiro coletivo de alívio, ontem, a decisão do governo brasileiro de deixar o real encontrar seu valor no mercado e parar de queimar reservas e asfíxiar a economia, num fútil exercício de defesa de uma moeda sobrevalorizada.

Depois de afirmar que jamais abandonaria o regime de minibandas ou deixaria o real flutuar, o Brasil fez as duas coisas e, na segunda tentativa, “tropeçou e caiu na política cambial certa”, disse o economista Arturo Porzecanski, do banco de investimentos ING Barings.

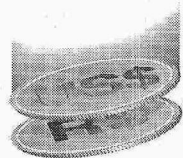
“Se agora tirar a lição correta e completar o ajuste fiscal, o Brasil pode sair rapidamente da crise, com uma moeda estável num nível realista, com juros e inflação baixos, a economia em crescimento e uma situação de contas externas mais confortável”, acrescentou.

O Fundo Monetário Internacional (FMI), que até o início da semana apoiara a política cambial, mas na noite de quinta-feira sugerira ao governo abandonar a defesa do real e deixar a moeda flutuar, aprovou a decisão de Brasília. “Parece ter sido uma ação sábia para estancar a perda de reservas”, disse um porta-voz da instituição.

O Fundo, que na véspera se queixara duramente a Brasília por não ter sido consultado a respeito da desastrosa aceleração da



Malan: viagem confirma sua permanência



**MALAN E
LOPES REÚNEM-SE
HOJE COM FMI EM
WASHINGTON**

banda cambial anunciada na quarta-feira, procurou reivindicar ontem parte do crédito pela liberação do câmbio. “Fomos consultados sobre a decisão”, disse o porta-voz.

A política de liberdade cambial não é parte do receituário do Fundo para economias emergentes.

A posição controlista do FMI, defendida sobretudo por seu vice-diretor-gerente, o monetarista Stanley Fischer, tem sido alvo de críticas constantes do economista Jeffrey Sachs, da Universidade de Harvard, desde o início da crise financeira asiática.

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o novo presidente do Banco Central, Francisco Lopes,

que compartilhavam da visão de Fischer, amanheceram hoje na sede do FMI, em Washington, para examinar as consequências das surpreendentes boas notícias potenciais que ajudaram a produzir ao liberar o câmbio.

O Departamento do Tesouro manteve-se em silêncio, a não ser para reiterar um desmentido feito para o *New York Times* segundo o qual os constantes contatos que o secretário Robert Rubin e seu vice, Larry Summers, tiveram nos últimos dois dias com o presidente Fernando Henrique Cardoso e com Pedro

Malan não incluíram prescrições específicas de política cambial.

Malan fica – Porzecanski e outros analistas disseram que ainda é muito cedo celebrações. Eles disseram que nos próximos dias a atenção do mercado estará em sinais de continuação do programa econômico. “A notícia da vinda a Washington de Malan foi bem recebida porque é uma confirmação de que ele permanecerá no governo”, afirmou o economista do ING Barings.

Embora reconheça-se o desgaste político que a crise desta semana representou para a equipe econômica e para o próprio presidente, a torcida no mercado é que Fernando Henrique se recomponha logo do susto, assuma claramente a liderança e capitalize a surpreendente reação favorável criada pela decisão quase acidental e a contra-gosto que o governo tormou de liberar o câmbio.

Executivos de Wall Street ad-

vertiram, no entanto, que num regime de câmbio livre – que o mercado espera ser mantido –, a repetição de ações como o calote da dívida interna anunciado pelo governador de Minas Gerais, Itamar Franco, ou uma nova rejeição das medidas fiscais propostas pelo executivo seriam pronta e severamente punidas pelo mercado e reacenderiam a crise. A alternativa, que seria insistir no desequilíbrio fiscal e voltar ao protecionismo, levaria a um rápido isolamento da economia brasileira.

Mas, com o mercado apontando para um real de 1,5 por dólar, com uma desvalorização limitada a pouco mais de 20% numa semana em que uma mexida atabalhoada na política cambial abalou os mercados do mundo, todos manifestaram-se cautelosamente otimistas diante do panorama potencialmente mais positivo que se abriu ontem para a economia depois de dias de pânico.

“O real atingiu agora um nível que reflete melhor os fundamentos subjacentes (da economia brasileira)”, disse Hugh Johnson, executivo de investimentos da First Albany Corp. “O que precisamos agora é que a moeda se estabilize e o capital retorne ao Brasil.”

Embora não houvesse ontem notícias de novas entradas de dólares, é certo que o dinheiro deixou de sair. “Eu e vários colegas ouvimos de milionários brasileiros hoje a mesma coisa”, contou, de Nova York, um operador de um dos maiores bancos de investimentos europeus. “Eles disseram que estavam prontos para tirar seu dinheiro do País, mas, com o dólar a R\$ 1,50, mudaram de idéia.”

De acordo com esse operador, a liberação do câmbio acabou com a pressão que a âncora cambial vinha exercendo sobre a economia, a um custo brutal, e reabriu o caminho para o crescimento. “Eles demoraram para chegar à decisão, que deveriam ter feito logo, em vez daquela bobagem que fizeram na quarta-feira, mas mesmo assim foi uma decisão de macho”, disse o banqueiro.